



Escrever, você escuta  
alguma coisa.

Comecei a escrever sozinho.

Coloco no que escrevo  
o meu mundo.

Nós temos de trabalhar  
com os materiais da vida.

Mas eu me reconheço  
em todos os livros.

Ler e escrever parte de  
uma necessidade,  
nada mais que isso.

A leitura precede  
a literatura.

A vida fica melhor escrevendo.

Para mim o mais importante  
é a minha relação  
com a escrita.

"Acompanhei ao longo  
daquele dia,  
todo o rito que se produziu

em torno do assassinato.  
Como é raro testemunhar a  
nomeação de uma cidade!

A maioria dos lugares  
por onde passei,

originados um dia de ossadas  
e lodo macabro, já tinha nome

e toda nova morte serviu para  
realimentar o subsolo e

reforçar os laços comunitários  
dos que ficavam e velavam.  
A paz prometida ao falecido  
camufla a verdadeira e única  
paz oferecida pelo falecimento,  
a saber a paz de quem,  
acompanhando o féretro,  
constata que ainda não foi  
a sua vez."

Sou formado em comunicação  
social no mestrado,  
na graduação também.

Mas também desenvolvo projetos  
na área de artes plásticas,  
e faço formação psicanalítica.  
E multimídia.

Eu tinha uma aproximação ainda  
infantil com  
as artes plásticas, assim,  
ainda no campo da imagem,  
vamos dizer assim,  
ainda não eram artes plásticas

e que eu retomei mais  
recentemente a partir  
da entrada

num coletivo  
de arte contemporânea,

um coletivo de arte daqui  
de Belo Horizonte,  
chamado Xepa

e, sobretudo, a partir da

aproximação com o artista daqui  
que é desenhista, pintor,

que trabalha com intervenção  
urbana, instalação,  
performance,

que é o Marcelino Peixoto.  
Então, a partir  
dessa aproximação também

com a Margarida Campos,  
a Viviane Gandra,

foram alguns dos artistas com  
os quais eu me coliguei,  
em certo sentido,

nessa minha retomada do  
trabalho de produção de imagem

que interfere também  
na produção escrita.

De vez em quando isso é  
mais evidente,  
de vez em quando menos,

mas é uma interferência  
que é perceptível.

A minha primeira relação  
é mesmo com a palavra.

Eu tenho essa relação que  
é uma relação  
de natureza afetiva,

a minha primeira aproximação  
foi como leitor,

como leitor das  
fábulas infantis,  
de revistas em quadrinhos,

com a minha mãe,  
como leitor na escola,

como leitor de um livro  
vermelho que a minha avó  
lia para mim.

Ela morava no interior  
de Minas e nos visitava  
algumas vezes

ao longo do ano. E ela  
carregava esse livro com ela

e o livro não mudava,  
era o mesmo.  
Então, sabia as histórias.

Mas não tinha problemas,  
sabe, as histórias,

porque não era a história que  
estava ali em questão,

mas era a possibilidade de  
estar ali ao lado dela  
e sentir hálito de café

que ela tomava com frequência.  
E reconheço numa conversa  
sobre literatura

uma aliança inevitável da  
palavra com o afeto e isso  
também diz um pouco

do tipo de relação que  
eu estabeleço com  
a própria escrita.

Convivi com leitores  
desde cedo,

a minha casa muito cheia de  
livros e o livro era alguma

coisa que fazia parte

da dimensão do prazer,  
não da obrigação  
ou da chatice,

enfim, era algo da dimensão  
do prazer.

Encontro na palavra,  
na lida com a palavra

aquelas experiências marcantes

que foram introduzidas  
pelos laços afetivos.

Então, essa condição de leitor,  
antes de ser alfabetizado,  
de ouvinte,

me parece que inevitavelmente  
interfere na minha relação

inevitavelmente afetiva  
com a palavra.

Escrever a gente escreve,  
e acho que tem uma coisa que  
está correta,

a gente é escritor

e acho que é  
uma decisão afetiva,

acho que é uma decisão  
da ordem do desejo,

acho que é um tantinho  
de uma decisão ética.

Você lidar com o campo de  
questões e com a possibilidade  
de produção de sentido,

que não tá dada de antemão,  
você ir para um lugar que não  
sabe como é que termina,

e de, eventualmente, publicar.  
Então, tem ainda outra dimensão  
que é do leitor,

de onde a gente vem, a gente  
vem da condição de leitor,  
primeiramente,

então, acho que tem um cuidado,  
em algum momento,  
de tudo que eu escrevo,

tem uma certa lembrança do  
tipo de prazer que eu tive  
lendo aquilo

e saber que aquilo que eu  
estou escrevendo,  
em um certo sentido,

pleiteia a esse prazer,

a essa experiência  
com quem for ler.

Nós acordamos,  
a gente toma café,

se a manhã está mais livre,  
então, dá para começar  
a escrever,

você trabalha um certo tempo,  
você tem uma certa energia  
naquele trabalho.

De vem em quando essa energia  
se esgota, você precisa ir  
atrás de uma coisa,

você vai parar para almoçar.  
O trabalho com a escrita

ele vai e volta,  
de vez em quando a gente  
é mais rápido,

de vez em quando a gente  
é mais lento.

De vez em quando a gente  
é mais dispersivo,

de vez em quando a gente  
é mais focado.

Então, a gente vai e volta  
algumas vezes.

E a palavra age sobre a  
gente o tempo inteiro,

ela está lá o tempo inteiro  
e o que em algum momento

acontece num processo,  
e aí, quando a gente já vive  
no meio de um trabalho,

de um conto, de um romance,  
de uma poesia,  
o que quer que seja,

um certo estado febril,  
é que a palavra ali então  
tomou lugar.

Ela tomou lugar, e aí os  
compromissos serão desmarcados,

porque o personagem tem que  
fazer uma coisa e você  
não sabe como,

você tem que resolver

esse personagem.

Você não gostou de alguma  
coisa, você não consegue  
encontrar aquela palavra,

então, assim, o mundo começa  
a torcer um pouco em função  
da necessidade

que você tem de resolver  
alguma coisa absolutamente  
maior do que é aquela obra.

Então, sim, me vejo como  
escritor, agora,

essa visão é uma visão  
construída ao longo de  
muito tempo de trabalho

e de aposta, não é?  
A gente não confia  
desde o início

no êxito desse projeto.  
De verdade, a gente não sabe  
o que vem por aí

nem que tipo de desejo é esse,  
até quando ele dura,

qual é a sua potência.  
Então, esse é um trabalho  
de descoberta, de construção,

que ela ocorre ao longo  
de um certo tempo

em que você hesita bastante,  
depois você acredita de novo,

você trabalha muito,  
desiste de alguma obra,

muda seu jeito de escrever,  
entra em crise,

se regenera,

se perde definitivamente e em  
algum momento você acredita,

concorda que a escrita,  
de verdade, faz parte  
da sua vida

e que a vida  
fica melhor escrevendo.

Na hora que eu me dedico  
efetivamente a escrever,

em que eu assento e vou pegar  
uma caneta ou abro  
o computador,

em que eu vou trabalhar  
sobre a palavra,  
agir sobre a palavra,

eu me dou conta de que a  
palavra já estava agindo  
sobre mim há muito tempo.

A escrita não parte,  
não nasce de uma decisão minha,

arbitrária e objetiva de  
"vou escrever agora uma obra".

Quando eu me dou conta  
da obra, ela já está em curso.

São ideias, são observações,  
são notas,

são fragmentos que me tomam  
em um certo sentido,

que me estimulam em um  
certo sentido, são questões,

são sempre possibilidades  
de investigação,

ainda muito vagas,  
muito indeterminadas,

mas que aquilo começa  
a se acumular.

Coisas que eu nem tinha  
me dado conta,

nem tinha prestado muita  
atenção, não tinha dado  
muito valor,

mas que se acumularam,  
eu vou dizer assim,

em algum canto do meu  
espírito, mas apenas para que  
seja um pouco bonito isso,

porque eu não sei exatamente  
onde se acumulou isso tudo.

Mas foram se acumulando como  
sensações, experiências,

possibilidades, ideias,  
palavras, fragmentos, pedaços,

pedaços de possibilidades  
e sentido

que se acumulam num certo tempo  
e a partir de um certo acúmulo

aquilo começa a vibrar,  
aquilo começa a dar prazer,

aqui começa a dar angústia,

começa a virar obra.

Isso pode ser despertado  
por uma palavra, por uma frase,

por uma leitura. Via de regra,  
nesse momento,

eu não fico muito atento  
ao cotidiano,

não é uma hora mais na qual  
estou olhando para o mundo

e sendo estimulado pelo mundo,  
mas normalmente

sendo estimulado  
por alguma coisa interna.

Então, esse acúmulo, ele em  
algum momento começa a ferver.

Vamos pensar assim,  
ilustrativamente,

quando uma bomba explode  
aquilo ali é brilho,

é estampido e é calor.  
Depois você vê o que aconteceu.

Você vê quem são as vítimas,  
você vê qual o tamanho  
dos estragos.

Mas o acontecimento é essa  
reunião aí de estampido,  
de brilho e de calor.

E a escrita, no seu sentido  
mais forte, é uma possibilidade  
de produção disso.

Até o momento em que eu digo:

"Bom, agora tem uma  
obra que me espera",

mas eu sempre sou meio  
tardio a ela,

ela já me espera em um  
certo sentido.  
Na hora que vou lá e escrevo,

corto, leio, pesquiso,  
retomo o texto,

mas é como se ela já  
estivesse um pouco em curso.

Mais de uma inspiração,

uma sensibilidade superior,

de uma capacidade de fazer  
uma leitura mais refinada  
do mundo,

ou de ser dotado de uma  
capacidade cognitiva, enfim,

eu acho que não é isso, assim,  
acho, inclusive,

que tudo isso pode existir.

Mas que, de verdade,

você precisa em algum momento  
trabalhar e trabalhar duro  
em cima do texto.

Você precisa aceitar que  
aquilo ali será feito de  
uma quantidade incontável

de equívocos, de tropeços,  
de erros,

até que alguma coisa comece

a se sustentar.

Você precisa fechar aquela obra para começar outra.

No sentido de que você precisa perder alguma coisa para que outra apareça no lugar.

A escrita não conta com esse alívio de um ponto final.

A escrita não conta com esse alívio de um ponto final,

tanto é que na hora que a gente termina uma obra,

eu tenho sensação, você tem que forçar a barra,

e combinar com você mesmo que ali a aposta daquela obra está feita.

Você precisa terminar com esse surto.

Se não, você vira a palavra, a palavra vira você e você está perdido

para sempre, aí, você vira o extravio. Então, tem uma hora

que você precisa estabilizar isso daí,

você precisa acertar que a partir de então

quem vai continuar o processo não é mais você.

Então, eu acredito que o leitor

nessa hora

salve o escritor.

Eu vou dizer que o escritor  
é salvo pelo leitor.

É salvo pelo leitor. Porque é  
a hora em que a obra  
pode deixar de ser dele.

Se não, ele e a obra  
viram uma coisa só.

O que eu acho genial na  
leitura é isso,

ainda que você não tenha  
efetivamente lido o livro,

tem um campo de relações,  
de possibilidades,

de compreensão,  
de interpretação que é movente,

que vai interferir na  
compreensão desse livro,

não foram referências minhas,  
eu posso dizer isso,  
não foram referências minhas,

mas que sejam  
referências do leitor,  
eu acho maravilhoso.

Porque é essa possibilidade  
no sentido de se construir,

inclusive, assim,  
independentemente do que  
o autor determinou.

Às vezes, é melhor do que

o autor pensou.



Ele é, vamos pensar assim,  
que ele é um

mau morto, um mau morto  
no sentido de que ele foi  
morto pela metade,

ele não foi encaminhado  
à cova.

Ele é um falecido,  
um pai de família

que responde, assim, ele não  
atende porque está morto,

mas ele denominado C,  
por inicial, letra C,

por um narrador que dele  
se aproxima, dessa família  
se aproxima,

porque esse narrador tem  
um objetivo que é...

ele registra mortes,  
ele produz pequenas narrativas

a partir de diversas mortes  
que ele encontra, ele cataloga  
essas mortes,

ele precisa tirar alguma coisa  
dessas mortes para construir  
para si mesmo

um corpo, um corpo  
que lhe falta,

ele é apenas uma língua,  
ele é apenas a linguagem,

a linguagem que se aproxima  
da morte,

mas ele chega,  
ao se aproximar desse cadáver  
em sepulcro,

um cadáver que morre,  
mas é mantido amarrado a  
uma cadeira na sala de jantar,

ele se exaspera, porque ele  
precisa do encaminhamento  
desse cadáver,

ele precisa de uma confirmação  
dessa morte, ele precisa de um  
certo estatuto social, cultural

do morto, do cadáver,  
do defunto,

para ele poder retirar  
desse cadáver alguma coisa  
para sua utilização,

para sua necessidade.  
Enquanto esse cadáver  
não é sepultado,

não é condecorado, considerado,  
confirmado morto,

ele tem que ficar esperando  
um pouco a família decidir  
o que vai fazer.

Então, vamos dizer assim,  
o C é um morto pela metade

porque ele não segue

a destinação final.

E com isso impede o narrador de  
atingir o seu objetivo final,  
sua destinação final.



Se a gente pensar, por exemplo,  
sobre outros discursos,

o discurso jornalístico,  
por exemplo,

que se volta inevitavelmente,  
claro,

é a fundação dele, se volta  
para os acontecimentos  
da realidade,

para um mundo onde uma  
série de ocorrências  
tiveram lugar,

aí, sim lugar fixo, o discurso  
jornalístico vai tentar  
fixar isso,

num endereço, num tempo  
onde tal coisa ocorreu,

assim e assado e não  
de outra forma.

Então, você abre  
uma página de jornal

e você tem que ter certeza  
de onde é que foi o acidente,  
quanto foi o jogo,

quem disse o que,  
quem vai ser vice de quem.

Não dá para ter muito lugar,  
muito espaço

para interpretar ações mais  
amplas, mais vagas,  
mais escorregadias,

então, existe ali um discurso  
que se volta muito diretamente

no sentido de não fazer  
fracassar essa representação.

Lá o que o Reni estava dizendo  
da representação.

Representar um acontecimento  
por texto, por imagem,

por uma voz que diga  
o que ocorreu.

E aí limitar ou limar ou  
evitar os fracassos.

E deve ser assim.  
E fico pensando que  
a literatura

ela não só não tem como  
evitar o fracasso,

na verdade, o fracasso,  
a gente fracassa porque  
a gente é humano,

a gente está ligado à palavra,  
lamento, não tem jeito.

Erradinho, um pouquinho  
errado vai dar  
de vez em quando.

Mas a literatura toma  
o fracasso para si.

Ela se elabora em cima disso.  
Como o Reini disse,  
vai colocar em crise...  
nesse trabalho de  
representação,  
algo que representa  
e algo que é representado,  
ele vai colocar, a palavra  
literária coloca em crise  
essa relação aí.  
Então aceita que o fracasso  
ocorra e vai se valer  
desses fracassos,  
vai fracassando, e aí todo  
o recurso será um recurso  
não no sentido  
de tamponar esse fracasso,  
de obturar esse fracasso,  
pelo contrário, de dar  
visibilidade a esse fracasso,  
então, assim, esse sentimento  
de crise  
ou de suspensão do sentido  
ou de horror que a gente tem  
diante de determinadas obras,  
aquelas que valem a pena,  
é exatamente aquela que você  
se deparou  
com a impossibilidade  
de você continuar

porque fracassou a  
compreensão, porque fracassou  
a sua possibilidade

de dar conta daquilo que  
estava descrito ali,  
ou estava narrado ali,

e você fracassa junto  
com o texto.

Eu gostei muito do gênero.  
Até então eu escrevia contos,  
eu trabalhava com contos,

eu gostei muito do gênero,  
eu gostei muito desse  
trabalho do todo dia,

dessa dilatação da narrativa  
que o romance oferece,

desse tempo um pouco mais  
ruminante da narrativa.

Ele vai, ele volta,  
ele vai, ele volta no romance.

O conto, ele precisa de uma  
pancada mais forte, você tem que  
derrubar por nocaute.

Você não tem muito tempo  
pro conto.

Eu gostei então muito  
do romance.

E eu trabalhei muito  
insistentemente com a  
temática da morte

na "Passagem Tensa dos Corpos".  
Apesar de ser uma tendência,

apesar da morte estar  
sempre beirando aquilo  
que eu escrevo,

eu acho que para evitar,  
inclusive, uma repetição  
no próximo romance,

a morte vai ficar  
um pouquinho de lado.

Não completamente,  
mas um pouquinho de lado

para que outras questões  
possam aparecer.

Até agora têm aparecido  
questões que estão  
um pouco relacionadas

a uma dimensão da política  
e uma dimensão da crença,

mas capturadas muito numa  
instância pessoal,  
íntima dos sujeitos.

Normalmente, a crença e a  
política são vividas

pelas massas, são de maneira  
muito institucionalizada  
pelos partidos

ou pelos pastores, pelos  
deputados, pelas  
igrejas formalizadas, oficiais,

e eu gostaria de pensar  
um pouco essa dimensão  
da política,

não sei como isso vai  
se resolver na narrativa ainda,

mas eu gostaria muito de pensar  
essa dimensão da política  
e da crença

numa dimensão muito pessoal,  
muito íntima do sujeito.

Será que é possível viver  
uma dimensão política

que diga respeito a mim,  
que eu seja a instância

onde a política se realiza,  
onde a crença se realiza?

Essa é uma questão ainda  
sem resposta,

eu espero daqui  
a algum tempo tê-la.

Eu acho, aí eu estou  
dizendo de mim também,

que o escritor,

seguramente, ele conserva,  
ele constitui,

ele armazena um certo saber.

Talvez ele possa até falar bem  
sobre literatura,

mas eu não tenho lá muita  
certeza de que ele possa falar  
bem sobre a sua literatura.

Eu acho que o saber que diz  
respeito à própria produção,

àquilo que ele de fato escreve,  
esse saber é muito esvaziado

à possibilidade de  
compreensão dele mesmo.

De modo que eu me arrisco  
a dizer um pouco

que a gente escreve  
na medida em que não sabe.

E daí ter que abordar  
o próprio processo

é ter que abordar uma coisa  
que contraditoriamente

é da ordem do desconhecido,  
embora seja

também da ordem da intimidade,  
da ordem do desconhecido.

Quando eu escrevo,  
não há leitor.

Posso dizer melhor, quando eu  
escrevo, não pode haver leitor.

Existe alguma coisa que  
está acontecendo ali,

que também não posso  
muito explicar,

não sei, não consigo,

a gente teria de reunir  
de novo.

Alguma coisa está acontecendo  
ali que não pode haver leitor.

E de forma alguma  
imaginar um leitor,

suposto, um ideal

ou que fosse uma projeção que eu tivesse um endereçamento.

É preciso que a escrita seja sem endereçamento,

é preciso que ela seja

extraviada.

Tem uma epígrafe do Raduan Nassar,

de um livro dele que diz assim:

"Ninguém dirige ou ninguém governa aquele que Deus extravia"

e eu acho lindo, e eu acho que a escrita precisa disso,

é um extravio.

Me parece que a escrita, e aí eu retomo um pouco

do que eu entendo como o meu processo,

eu sempre tenho um pouco a impressão de que a escrita está a me esperar.

Não como se eu fosse um predestinado a ela,

seria até maravilhoso se fosse assim,

mas ela não está nem aí para mim, a verdade é isso.

Uma vez que a escrita é da  
ordem de uma experiência

e essa experiência é  
transformadora

das próprias possibilidades  
de construção dos sentidos.

Então a gente tá sempre  
correndo atrás um pouco  
daquilo que aconteceu.

A gente escreve e depois vai  
entender um pouco  
o que aconteceu.

E a gente é sempre um pouco  
atrasado com relação à escrita.

Eu hoje passei boa parte  
do dia escrevendo,

preparando um texto,  
inclusive para projeto,  
desenvolvendo este texto,

pensando nos personagens,  
pensando numa certa organização  
lógica dessa narrativa,

é algo que ocorre  
independentemente de isso  
virar livro inclusive,

ser aceito para a publicação,  
receber um prêmio.

Então é uma coisa que ocorre  
em um outro lugar.

São dois projetos que estão  
encaminhados.

Um é um conto que também passa

um pouco aqui  
pelo espaço físico, pelo espaço  
simbólico de Minas Gerais,  
que foi abordado na "Passagem  
Tensa dos Corpos",  
tem um planejamento em torno  
disso daí,  
isso já está sendo pesquisado  
e trabalhado.

Mais do que reproduzir alguma  
coisa que seja da realidade,  
contar um caso, porque daí não  
é apenas contar um caso,  
mas abrir no mundo existente  
um outro mundo,  
um mundo inventado.

E nesse sentido a capacidade  
de fabulação  
que está lá no caso  
que você conta

é preciso que alguém,  
depois a gente força a barra,  
mas é preciso que alguém  
te escute, escuta no sentido  
mais forte,

mostre que é possível inventar  
no sentido que não é  
de uma simulação,  
mas inventar uma outra forma

de dar conta das coisas.

O mundo às vezes  
é violento demais,

às vezes, maravilhoso demais  
e a palavra pode ser um meio

de você lidar com esse mundo,  
dar conta desse mundo,

se apropriar desse mundo e  
inventar um mundo para si.

E com relação a esse livro,  
esse livro foi publicado,

ele não é mais meu, assim,  
claro que eu tenho uma relação

de extrema estima e orgulho  
com a realização desse livro,

mas ele agora está numa  
outra dimensão.

E é importante que eu constate  
essa dimensão, que é uma  
dimensão do leitor,

agora não é mais minha para  
que eu possa escrever  
outra coisa,

ele precisa sair, eu preciso  
me ver um pouco livre dele

para abrir espaço para outras  
questões, outros personagens,  
outros enredos.

